

O vice-presidencialismo em ação

ALC 29
Otávio Tirso de Andrade

Com o passar do tempo, a vocação do sr. José Sarney torna-se gradativamente mais nítida. Não é a de chefe de governo, certamente, como o demonstra a irresolução que o acomete ante acontecimentos inevitáveis. O exercício da vice-presidência é o pendur indiscutível do venturoso político maranhense. ("Descartes, moralista muito pouco lido, dizia que a irresolução é o maior dos males humanos", escreveu Alain em *Les Passions et la Sagesse*).

Lembram-se da primeira reunião do ministério da "Nova" República? Sarney a presidiu quando Tancredo ainda não tinha sido liquidado pelos médicos. O atual presidente de *jure* esteve muito bem na ocasião. Aos ministros nomeados a mando do doente advertiu com o dedo em riste: "É proibido gastar! Palavras de Tancredo Neves!"

A partir de então, embora Tancredo tenha-se ido para sempre, na vice-presidência quedou-se o maranhense. Os ministros gastaram e nomearam à vontade e o governo ficou sempre para ter início em incerto amanhã...

Não sabendo agir utilmente nem discernir o que acontece, o vice tornou-se um presidente imobilizado por incoercível timidez. A ação executiva só se abalança em momento de crise, sinuosamente, a improvisar timoneiros que o ajudem a conduzir a nau do Estado.

Um belo dia, brindou-nos com o glabro Funaro e as raspunices do Cruzado I. O malbarato alucinado das reservas cambiais, promovido imediatamente, teve contraponto em inepto tabelamento interno e na subversiva agitação de ignaros encarnados no papel de "fiscais do Sarney". A exclusão do Brasil do circuito financeiro internacional — a moratória — encerrou o período de bruxarias e tristes palhaçadas.

Na hora em que o Governo corria o risco de consumir-se nas chamas da hiperinflação, o vice incurável improvisou solução mediocre: convocou certo verde governador nordestino

para acolitá-lo na Tesouraria. O acordo de um empréstimo tornou impossível a solução irrefletida. O veto do sr. Ulysses Guimarães ao sr. Jereissatti devolveu a Fortaleza o quase futuro ex-governador cearense.

Mas um vice que se preza não se dá por achado. O episódio não lhe trazia na bandeja o pretexto para alçar-se uma segunda vez à chefia do governo? Pois, então, aceite-se Bresser e tenha-se como válido o plano do professor para levar os banqueiros a dar o dito por não dito em matéria de juros e amortização da dívida externa.

A etapa transcorria com as idas e vindas de Bresser aos bancos credores, quando um fato novo surge com implicações no problema do prazo de mandato de Sarney na Presidência. Sabe-se que o presidente "aceita" ficar no posto durante cinco anos, para estar presente às negociações sobre a dívida externa. Ora, pois, o que acabam de manifestar a respeito os credores? Que Sarney está liberado para voltar para casa, quando bem entender, pois não é necessário ao debate da complexa questão. O acordo a respeito só se fará quando for concluída a nova Carta Constitucional: o que tanto poderá ocorrer em breve quanto em prazo incerto. A notícia chega-nos de Washington. Veio aos jornais diretamente do ministro Bresser Pereira.

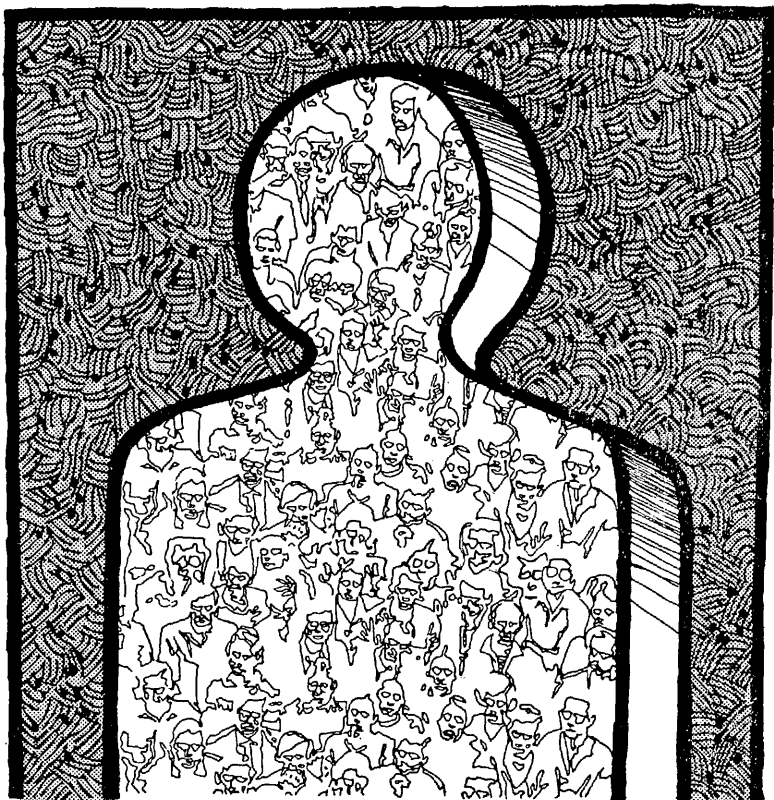
Nesta altura dos acontecimentos, como reage o visceral vice-presidente? Ante o brado do PFL, que se pretendeu estrondoso (melhor seria consignar: a eructação dos falsos liberais fisiológicos), o sr. Sarney anuncia o próximo início de uma terceira fase de governo: a do Programa de Ação Governamental, com investimentos de 15 trilhões e 300 bilhões de cruzados até 1991!

Como é possível a nação levar a sério tal idéia, na hora em que emitem centenas de bilhões de cruzados e quando se torna ainda mais severo o nosso isolamento do circuito financeiro internacional? Não se acha a Petrobrás à mingua de recursos para investir em indispensáveis explorações petrolíferas, porque a xenofobia impede-a de associar-se a capitais estrangeiros? Acreditará o sr. José Sarney que as montanhas de papel pintado

Jorge Arbach

lançadas à circulação pela Casa da Moeda têm o poder mágico de fazer a riqueza surgir do nada? Não está ele a par de esforços de países socialistas para atrair capitais estrangeiros em *joint-ventures* aqui tornadas impossíveis até mesmo pela conversão da dívida externa em ações de empresas nacionais? Não soube o presidente das várias páginas de anúncio que a URSS publicou no *Wall Street Journal*, convidando capitalistas estrangeiros — os "imperialistas" — a investirem no país? A embaixada brasileira na China não lhe dá conta de esforços similares por parte das autoridades de Beijing? Além de politicalha rasteira, o que faz o governo para levar seus correligionários se oporem, na Constituinte, à exclusão do Brasil dentre os países abertos ao progresso tecnológico? Persistem as autoridades a ignorar que o planejamento centralizado entrou em decadência até na Rússia e na China e que o mundo está agora mais propenso ao capitalismo do que jamais esteve nestes últimos 40 anos?

Não é possível que o governo ignore tudo, tanto, a tal ponto! Assim não logramos apreender a quem visa a iludir o sr. José Sarney, com a inauguração de seu Terceiro Governo... (O governo do PAG. Do PAG e não bufe...). Além de pretexto para reassumir a Presidência uma vez mais, o engodo há de ter por alvo alguns constituintes disparateiros, desses que só têm demonstrado, até agora, não saber como redigir uma Constituição. Afora estes, o PAG não ilude a ninguém.



Jorge